

# BOLETIM SOCIAL

DE TRABALHADORES DA TEBE PARA TRABALHADORES

C. M. B. BIBLIOTECA

PROPRIEDADE DO CLUBE DESPORTIVO DA TEBE

Redacção e Administração: Campo 5 de Outubro, 39 - Rlc

Composto e Impresso na Tipografia «VITÓRIA» - BARCELOS

Editor: João Baptista Cândido da Silva

Director: ANTÓNIO BAPTISTA

Redactores: Joaquim Rodrigues e Eduardo A. da Silva

## O HOMEM e o Progresso

A máquina, fonte geradora de produção, caminha na vanguarda da economia dos povos e modifica, dia a dia, a estrutura da vida e do homem.

Se, a máquina, ocupa lugar de relevo, como parcela de produção, o homem não deixa ainda de ter como garantia da sua condição humana, a força, a inteligência e a alma...

Se é certo e sabido que a máquina, criada pelo engenho do homem, estabelece, muitas vezes, uma espécie de escravidão, o que é certo também é que, sem ela, o homem viveria no silêncio e na quietude, longe do progresso e da civilização, numa espécie de hipnose, que o afastaria sempre dos longes das ambições humanas.

Mas seja como for, tudo, absolutamente tudo, caminha, a passos de gigante, para a maquinação...

Mas se a máquina é necessária como causa instantânea da produção em série, o homem, por sua vez, ainda é e será o elemento insubstituível de coordenação racional... E aí da humanidade se, um dia, a máquina derrotar completamente.

Nessa altura, estaríamos, frente a frente, com este dilema:

— A máquina venceu o criador dela, destronando-o, escravizando-o, levando-o de abismo em abismo, aos mais desoladores complexos de inferioridade... e, nessa altura, o homem seria uma unidade acessória do complexo máquina.

A produção em série, como causa primordial do engrandecimento dos povos, só pode e só deve entender-se dentro da razão de ser do bem estar da colectividade.

Já o Dr. Gonçalves Viana, determina, em comparação acertadíssima, o seguinte:

«Em vez de se estabelecer a harmonia entre o homem e a máquina (como seria para de-

## A Virgem de Fátima

Aos pés da Virgem ponho todo o meu canto... e peço-lhe, para meus filhos, uma réstia de Sol, do seu infinito olhar.

*Em Fátima a Virgem Santa  
Apar'ceu cheia de luz...  
E a formosura era tanta,  
Ou não fosse ela tão santa,  
A Santa Mãe de Jesus...*

*Apar'ceu assim tão bela,  
Tão bela, cheia de luz,  
Que os pastores, bem perto dela,  
Não sabiam bem se era...  
A Santa Mãe de Jesus...*

*A Virgem pedira pouco  
Muito pouco... à humanidade...  
Orações e muita fé  
E menos, menos vaidade...*

*A Virgem pedira mais,  
Suplicando uma oração:  
Não maltrateis a pobreza,  
Matai-lhe a fome com pão.*

A. Baptista



A roda dentada das malhas TEBE é o símbolo do trabalho, da beleza, da duração... As malhas TEBE caminham na vanguarda do bom preço, do bom gosto, da boa confecção e da excelência da qualidade...

sejar), caiu-se no erro de estruturar uma economia independente da própria pessoa humana, «libertou-se» do homem e «libertou-se» da regra moral.

Quer dizer, que a máquina em vez de servir o homem acabou por o escravizar...

(Devemos esclarecer que nos estamos referindo à máquina nos diferentes e variados aspectos dos mais complexos sectores de produção hodierna).

Entre o homem e a máquina há só uma comparação, por legítima e por absurda... que o

bom senso nos dita: o trabalho da máquina é veloz; e o do homem é, pelo menos, um trabalho refletido e pensado... Dois extremos que se tocam: a razão e a máquina...

Mas seja como for, a máquina tem o seu momento e a sua função é imprescindível hoje mais do que ontem e amanhã, possivelmente, mais do que hoje...

Isto não impede porém que o homem e a máquina tenham funções diferentes e, como tal, sejam tratados diferentemente.

## O CARÁCTER

No sentido físico entende-se por carácter um sinal especial, que permite distinguir uma coisa da outra; porém, no sentido moral, carácter é o conjunto de qualidades que dão ao indivíduo um modo específico de sentir e de reagir.

Todas as pessoas têm o seu carácter, mas nem todas são pessoas de carácter.

Todas as pessoas têm um conjunto de qualidades ou defeitos que formam a sua maneira específica de ser. A influenciar esse modo particular de ser de cada um, há ainda um conjunto de predisposições fisiológicas, que formam o chamado temperamento.

Ter carácter é próprio das vontades enérgicas, pois todo o indivíduo que tem consciência dos seus actos e que sabe distinguir o bem do mal, só não forma o seu carácter se não quiser. Todo o homem é livre para voluntariamente se afastar do mal e praticar o bem. Todo o ser humano goza dum privilégio único que nenhuma religião proíbe — o livre arbítrio. A religião, a moral, e as leis não permitem a prática do mal, mas todas reconhecem que o homem normal só pratica o mal quando quer por sua livre vontade — e por isso o condenam.

Nenhum homem se pode queixar que é arrastado para o mal, por influência de más companhias ou de conselhos de pessoas perversas. O homem que pratica actos indignos deve compreender que só ele tem de arcar com essa responsabilidade e sofrer as suas funestas consequências.

É certo que os temperamentos influem muito na formação do carácter. Mas todo o homem que quer seguir na vida por um caminho recto, só dele se desviará, quando forem mais fortes, nele, as vozes do instinto que a da própria consciência.

E porque mesmo a consciência de cada um corre o perigo de não ser bem formada, é que

# Um pouco de Cinema

«A minha arte é para o povo, não para os Snobs».

CHAPLIN

**D**ESEJO falar de cinema e este desejo, que pode parecer perfeitamente natural e relativamente fácil, tem a cada passo escolhos difíceis de demover.

Ainda mal comecei e já deparo com uma dificuldade de tomo: o que escrever capaz de interessar o leitor deste jornal? Sim porque quem escreve deve conseguir a adesão

o homem precisa de seguir as leis, duma religião, duma moral e duma lei de civilidade.

Se os actos dos membros duma sociedade estivessem à mercê dum julgamento feito pelas consciências de cada um, seria um verdadeiro caos, tantas eram as opiniões a classificar numa mesma acção.

Só um sonhador de quimeras conceberia uma sociedade sem o freio justo da religião e da lei moral.

É tão variada, tão confusa, tão disforme e tão complexa a amálgama de caracteres duma sociedade, que só assim se compreende que, no mesmo meio, possam florir almas de eleição a par das denegridas e perversas consciências dos malfeitos, dos hipócritas e dos devassados.

Em países onde a civilização atinge as mais altas culminâncias da perfeição, no que respeita a progressos mecânicos e científicos, é lamentável que a formação do carácter dos indivíduos seja ainda uma ciência, ou uma arte, de resultados tão pouco animadores.

A par de todos estes progressos que aumentam o bem estar de cada um, parece que se deviam formar também apenas espíritos revestidos de vontades enérgicas, conhecedores de todas as consequências psíquicas e fisiológicas, dos actos condenáveis, e por isso mesmo capazes de melhor resistirem ao seu convite falso e malévolo.

Parece porém, que, pelo contrário, tal como sucedeu em todos os períodos felizes da história, o bem estar amolece mais as vontades, que se tornam demasiado fracas para refrear a desordem dos instintos animais do homem.

O homem que queira ser realmente, uma pessoa de carácter, tem de procurar permanentemente fortalecer a sua vontade, para esta poder fazer dele senhor absoluto das suas acções.

Carácter terá apenas aquele que, como disse o nosso clássico Sá de Miranda, for «homem dum só parecer, dum só rosto e duma só fé, de antes quebrar que torcer».

LUÍS MANUEL

de quem o lê e isto de divulgar cinema, numa publicação que se destina a ser lida, na sua maioria, pela massa proletária de insuficiente desenvolvimento mental, é tarefa bem ingrata e que oxalá, seja, ao menos, bem compreendida.

É certo que o articulista podia, hábilmente, sair-se de maneira airosa; bastava que trouxesse para os seus escritos a outra face do cinema que ele não quer trazer.

Sim, o êxito seria certo se eu vos contasse aqui as histórias ora românticas ora dramáticas—tão do agrado das plateias portuguesas; ou se aflorasse os escandalozinhos dos astros e das estrelas que enxameiam esse céu de constelações cinematográficas; ou se vos falasse da cor dos olhos das Silvanas ou das gravatas dos Tyrones.

Mas não, não é esse o caminho que me proponho trilhar porque encaro o cinema como arte e como arte que incontestavelmente é, deve ter o tratamento digno que merece.

Porém, para tantos botas de elástico do classicismo de outras eras, é considerado um sacrilégio chamar ao cinema uma manifestação de Arte.

O que eles não entendem é que o cinema é, por natureza, uma arte popular.

O cinema faz hoje parte incondicional do nosso dia a dia. A sua força de persuasão é notável e superior a qualquer outra manifestação de cultura. Tornou acessível a toda a gente novas perspectivas e deu à humanidade uma possibilidade única de melhor conhecer o mundo e melhor entender os homens.

Lamentável é o facto de a maioria da produção cinematográfica ser de qualidade inferior e dessa triste realidade vários são os culpados.

Entre esses distingo duas classes importantes: a dos culpados conscientes—os «negociantes» e a dos culpados inconscientes—os «explorados».

Indivíduos sem escrúpulos fazem do cinema um comércio Rendoso, vendendo mercadoria sem valor a um público desprevenido que apenas procura no cinema uma distração ligeira e passageira.

Estes, sem o saber, colaboram com aqueles sustentando a chaga do cinema comercial e entravando assim o desenvolvimento natural e a evolução progressiva da arte cinematográfica.

Para salvar o cinema necessário se torna educar o público.

# O TRABALHO

(Continuação da página 8)

*operários, de modo a fazer descer o salário, pela concorrência, ao mínimo, verdadeira muralha de bronze—e daí o nome da lei...»*

*Contudo, o operário, hoje, tem o seu salário mínimo assegurado e pensa nos seus, contribuindo assim para o melhor nível da família, com o auxílio pecuniário dos abonos... E, Portugal, aumentando a sua produção, diminui o desemprego e melhora o nível de vida colectiva.*

## CURIOSIDADES

### Cinema em Relevo

O filme a três dimensões foi inventado pelo engenheiro Sérgio Ivanov.

Ivanov descobriu também um processo de apresentar as imagens sob diferentes ângulos, aperfeiçoando a fotografia estereoscópica, projectando seis a oito pares de imagens.

Mecenas—Cavaleiro romano, protector daqueles que cultivam as letras, serviu o Imperador Augusto como amigo ilustrado e fiel.

À sua protecção devem Virgílio a restituição do seu património, e Horácio o grangear novamente a afeição do mesmo imperador, depois de haver abraçado o partido de Bruto nas guerras civis.

Mercurio—é o mais pequeno dos planetas antigamente conhecidos, e o mais próximo do Sol.

### A Pintura no Período Paleolítico

(Continuação da página 8)

Se na gruta de «Lascaux» (próximo de Montignae, na Dordogne, sudoeste da França) se descobriu, em 1940 desenhos ainda cheios de contornos e perspectivas, certamente, porém, que o que se passava ali, na profundidade das cavernas, se havia de passar também na vida exterior... A ânsia de libertação e continuidade não é só de hoje, como temos ocasião de observar, pelo que acima escrevemos.

É fundamental que, todos os que podem, encaminhem os seus esforços numa acção construtiva de esclarecimento a todos aqueles que vêem, mas não sabem ver.

Nós confiamos no público e confiamos no cinema.

VISOR 101

# O Cortejo dos Fenianos na Invicta Cidade do Porto

**A**S ruas apinhadas de gente, ida de Barcelos, Braga, Viana, Ovar, etc., etc... agrupava-se ao longo dos passeios e das avenidas, aguardando pacientemente, calmamente, a chegada do primeiro carro que viria dar abertura a tão comentado e anunciado cortejo.

Se as intenções eram boas e a Comissão trabalhou afincadamente no sentido do cortejo atingir beleza e grandeza não podemos dizer, com verdade, que o cortejo estava à altura da cidade do Porto... Lamentamos dizer; mas o cortejo esteve longe de satisfazer os menos exigentes.

O que foi certo, porém, foi o Porto ter vivido horas altas de entusiasmo, de alegria, com milhares e milhares de forasteiros...

Mas, como ia dizendo, os carros passaram e todos eles tinham uma missão a cumprir. Uns, servindo-se dos ditos com espírito, iam espalhando o bom humor, mostrando cenários... outros, imprimindo um cunho caracteristicamente publicitário, trilharam o seu rumo com beleza e com graça.

O carro da Tebe, com ditos alegóricos e com feição artística, mereceu do grande público, da massa anónima, os mais rasgados e merecidos elogios... Dos muitos carros que deambularam pelo Porto, o da Tebe foi, com verdade... o que conservou a sua roupagem sem rasgões, sem nódoas e sempre em marcha...

É bom de ver que não estamos a escrever por escrever; mas a voltar novamente os olhos para o cortejo, contemplando alguns dos melhores carros e ficando com a certeza firme que o carro da Tebe levou mais longe o seu nome e marcou uma etapa publicitária de repercussões mui inteligentes.

## Os principais Poetas e Prosaístas do séc. XIX foram:

Almeida Garrett, Visconde de Santarém, António Coelho Lousado, F. R. Sivério Malhão, Soares de Passos, José Estêvão, Rodrigo Paganino, António Lopes de Mendonça, Arnaldo Gama, A. O. Silva Gaio, Luís A. Rebelo da Silva, Júlio Dinis, José Cardoso Vieira de Castro, Guilherme Braga, António Feliciano de Castilho, Inocêncio Francisco da Silva, Alexandre Herculano, A. Teixeira de Vasconcelos, Guilherme de Azevedo, Gonçalves Crespo, Cesário Verde, Oliveira Marroca, Alexandre da Conceição, João de Lemos, João Andrade Corvo, Camilo Castelo Branco, Júlio César Machado, José Augusto Vieira, Simão da Luz Soriano, José Silvestre Ri-

## Mário Campos Henriques

No passado dia 26 teve a sua festa natalícia o Sr. Campos Henriques, digníssimo sócio-gerente da Tebe.



Por tal motivo foi muito cumprimentado por todo o pessoal que, na expressão viva dum reconhecimento inconfundível, lhe tributou os seus respeitos.

«Clube Desportivo da Tebe» e «Boletim Social da Tebe» querem expressar indelêvelmente os seus votos para que o Senhor Campos Henriques continue a

fazer muitos mais anos na nossa companhia.

O Pessoal pede-nos para, mais uma vez, cimentar, publicamente o testemunho da sua gratidão, com os votos perenes duma longa vida, cheia de facilidades e saúde. Quer dizer, o Pessoal da Tebe deseja ao seu Chefe uma longa vida e pede a Deus que o guarde de desaires e insatisfações.

## João Duarte Veloso

No passado dia 19 de Março celebrou o Snr. João Duarte mais um aniversário natalício. Por tal razão todo o seu pessoal lhe testemunhou os seus agradecimentos muito sinceros, fazendo votos para que Deus continue a tê-lo a seu lado.

E assim, irmanados todos no espírito do reconhecimento, resolveram, e bem, mandar celebrar mais uma missa na igreja de Santo António em acção de graças a que assistiram, além de todos os seus empregados e operários, uma grande parte dos seus numerosos amigos.



«Boletim Social da Tebe» quer manifestar-se publicamente fazendo votos para que o Snr. João Duarte continue a fazer mais aniversários na companhia de todos os que lhe são queridos.

## Procissão dos Passos

Com invulgar luzimento fez-se este ano a tradicional Procissão dos Passos, que há muito não se realizava.

No cortejo incorporaram-se figuras do maior destaque do Distrito de Braga.

Sua Excelência Reverendíssima trouxe a Barcelos a majestade da sua presença, dando mais brilho e mais vida a todas as solenidades.

### «Boletim do Boavista»

Este nosso querido camarada referiu-se mais uma vez ao nosso «Boletim», tributando-lhe elogios que, certamente, não merece. Contudo, expressamos os nossos agradecimentos e fazemos votos para que o «Boletim do Boavista» continue a erguer o facho da verdade e possa atingir os seus fins desportivos.

## C I A R T A

(Continuação da página 6)

Como achasses pouco ainda, escreves-me participando-me secamente ires viver para casa de gente amiga, porque, dizes tu, não podes suportar o meu mau génio e as minhas impertinências... de velha.

Ires viver para longe, já não é desgosto, pois desgosto tem sido há muito, a separação que, entre nós, tens feito. Minha filha, nada te peço, apenas ergo a Deus a minha alma numa prece: que nunca possas, por experiência própria, saber o que eu sofro...

Da tua mãe

MARIA

Visado pela Comissão de Censura

## Festas das Cruzes

Embora Barcelos tenha vivido nos últimos tempos dias e horas cheios de movimento e de festa o que é certo porém é que as Festas das Cruzes, bem típicas, bem conhecidas e de repercussão nacional, vão ser levadas a efeito, embora os sacrifícios sejam muitos.

Fazemos votos para que tudo corra de molde a que o visitante leve de Barcelos sinceras recordações e tenha vontade, ainda, de novamente voltar...

### Falta de espaço

Por absoluta falta de espaço deixamos de publicar vário original do que pedimos desculpa aos nossos leitores.

beiro, J. M. Latino Coelho, Francisco Gomes de Amorim, D. António da Costa, Antero do Quental, Eduardo Barros Lobo, Fernando Caldeira, J. P. Oliveira Martins, Manuel Pinheiro Chagas, Gervásio Lobato, J. S. Mendes Leal, A. X. Rodrigues Cordeiro, João de Deus, F. Martins Sarmento, José Simão Dias, Luciano Cordeiro, Eça de Queirós, António Nobre, Tomaz Ribeiro, António Enes, F. Teixeira Basto, J. Alves Martins, A. Alves Mendes, Mariano de Carvalho, Emílio Navarro, Júlio Lourenço Pinto, Alberto Sampaio, D. João da Câmara, Trindade Coelho, Sousa Viterbo, Alberto Braga, Silva Pinto, Bulhão Pato, Fialho de Almeida, P.º Serra Freitas, Conde de Monsaraz, Manuel Duarte

de Almeida, Ramalho Ortigão, José Pereira Sampaio ((Bruno), António Aires de Gouveia, Abel Botelho, Joaquim de Araújo, João Lúcio, João Penha, Júlio de Castilho, Gonçalves Viana, Adolfo Coelho, Teixeira de Queirós, Marcelino Mesquita, Fernando Costa, Maria Amália Vaz de Carvalho, Gomes Leal, Anselmo Braamcamp Freire, António Cândido, Guerra Junqueiro, Conde Sabugosa, Teófilo Braga, F. M. Esteves Pereira, A. Garcia Barros, Cândido de Figueiredo, António Sardinha, Alberto Pimentel, Carolina Michaélis Vasconcelos, Camilo Pessanha, Queirós Ribeiro, Pedro de Azevedo, Wenceslau de Moraes, Augusto Gil e António Patrício.

## Provérbios Populares Alentejanos

Quem vive neste mundo sem manha, morre no ar dependurado de um fio como a aranha.

Quem tem pressa vai por terra, que por mar pode-se afogar.

Nem sempre dança quem paga a música.

A verdade é coxa, mas sempre chega.

Boa massaroca fia quem seu filho cria.

Quem bem urina, escusa de medicina.

## Os santos advogados de Abril

Dia 3: S. Benedito — advogado contra os ossos, espinhos e espinhas de peixes.

Dia 10: S. Ezequiel — advogado contra as dores de estômago.

Dia 17: S. Elias — advogado contra a estiagem e contra o fogo.

Dia 30: Santa Catarina de Sena — advogada contra as beixigas, febres malignas, males contagiosos, e contra os demónios.

# A inauguração do Monumento ao Bombeiro Voluntário

marcou, não só em Barcelos como em Portugal inteiro, um período de justiça, na justa consagração que lhe testemunhou uma apoteótica multidão

A nossa terra viveu horas altas de alegria e de fé, testemunhando a esses ignorados soldados da paz todo o caminho e ternura a que têm jus.

Através da imprensa portuguesa, já lhes foi feita, com devida autoridade, a verdadeira justiça.

Nós gostamos também de arquivar nas nossas colunas algumas passagens mais emotivas de toda uma festa que, ficará, em letras de ouro, gravada na história de Barcelos.

## Recepção às Entidades Oficiais

Eram 10 horas precisas quando as autoridades chegaram à torre de menagem, sendo recebidas pelas comissões.

## Imponente Missa Campal

Sua Excelência Reverendíssima o Senhor Arcebispo Primaz celebrou missa campal perante uma multidão de bombeiros que de todo o Portugal vieram trazer as suas homenagens e render as suas preces ao 1.º bombeiro, Jesus Cristo, como Sua Excelência Reverendíssima com tanta felicidade afirmara.

Entre outros pensamentos felizes proferidos durante a santa missa o Senhor Arcebispo afirmou: «Unidos todos, ajudai a apagar os incêndios que lavram em muitas almas».

## Cortejo das Corporações

Findo o santo sacrifício da missa as autoridades dirigiram-se depois em impecável cortejo ao topo da Avenida Dr. Oliveira Salazar onde se encontrava, em sítio próximo do Monumento, uma tribuna.

De todas as janelas e varandas pendiam colchas, colgaduras e bandeiras.

## Descerramento do Monumento

O descerramento do Monumento foi feito pelo Snr. coronel Serafim de Moraes, que se encontrava ladeado pelo Comandante Quintas e pelo Snr. Governador Civil de Braga.

Seguidamente, procedeu à bênção do Monumento, Sua Excelência Reverendíssima.

## Sessão Solene

Em primeiro lugar falou o Snr. Dr. Lima Torres, presidente da Direcção dos B. V. de Barcelos, congratulando-se por ser Barcelos a cidade que ergueu em Portugal a primeira pedra de justiça ao voluntariado português, referindo-se aos dois grandes vultos de Barcelos — o Alcaide de Faria e D. António Barroso. Não podia, portanto, ser escolhida melhor cidade do que a nossa para glorificar no bronze o homem abnegado e bom, que é o bombeiro voluntário.

Falou a seguir o Snr. Fernando Nunes, secretário da Liga dos Bombeiros, dizendo:

«Entre os seus condes, o 8.º, orgulha-se Barcelos de ter contado D. Nuno Álvares Pereira, o Santo Condestabre, o guerreiro e monge, intérprete das virtudes ráticas. O título foi-lhe outorgado por D. João I, como prémio pela vitória de Valverde.

Perdoem-me V. Ex.ª a sabida citação histórica. Reedito-o despretenciosamente para concluir que neste burgo, cuja antiguidade, fidalguia e fidelidade são notórias, melhor de que em qualquer outro local, assenta bem o monumento.

Afirmo-o gostosamente e com muito regosijo.

Desde hoje, Barcelos poderá ufanar-se

de mais este padrão glorioso, que a reveste e enfeita na sua graça cidadã. Como bombeiro, como modesto voluntário, não sei se deva salientar quanto esta homenagem é merecida.

O que me cumpre, como representante da Liga, e, por força do cargo, de todas as corporações de voluntários, é reiterar, vincar toda a gratidão que me vai na alma, na alma de todos nós, pela obra levada a cabo. O que ela representa de poder realizador, de carinhosa dedicação, de esforço continuado não é fácil aquilatar. A tarefa foi grandiosa, como enormes são o seu brilho e significado. Vai portanto para V. Ex.ª, prezados membros da Comissão Executiva, com as nossas sinceríssimas e calorosas saudações, o portuguêsíssimo muito obrigado de todo o voluntariado português!».

Seguidamente falou o Snr. Dr. Luís Novais Machado que teve palavras de justiça para Manuel Vieira a quem Barcelos fica a dever esta dívida de gratidão, que, certamente, nem todos podem compreender.

O Snr. Dr. Luís Novais Machado fez um discurso profundo num improviso leve... galvanizando a assistência que o aplaudiu demoradamente.

Com eloquência e bom timbre falou depois o Snr. Dr. Fernandes Martins que, de Coimbra a Barcelos, se deslocou propositadamente. Vibrou e fez vibrar. Terminada a sua lição de amor acendrado pelos voluntários da paz, tivemos ocasião de o entrevistar e de lhe pedir o seu discurso que, depois de dactilografado, fez o favor de nos enviar de Coimbra. Como se trata de um trabalho extenso, mas profundo, vamos publicar parte dele, transcrevendo as seguintes passagens:

«Mas eu creio, firmemente, no destino e na redenção dos homens e do mundo. E, assim, solenemente proclamo aqui, perfilhando, de alma aberta, as palavras do sábio eminente que foi Gomes Teixeira, que nem o intrincado das florestas virgens, nem as feras dos juncais, nem as pestilências dos pântanos, nem a tristeza das solidões, nem os ardores da zona tórrida, nem os gelos das montanhas, nem os ardores da fome e da sede, nem o terror dos martírios, poderiam obstar já a que procurássemos, no caminho da Vitória, a perfeição da alma e o amor dos homens.

E porque sei que este é o Ideal que vos ilumina os corações, foi que vim arregimentar-me, voluntariamente na esperançosa Legião que constituís».

E acrescenta:

«Aqueles valentes bombeiros não tremeram ao verem desaparecer toda a esperança de salvação, e não mostraram nunca o menor sinal de medo ou covardia.

Queimou-se a última corda que lhes tinham deitado, e, reduzida a cinzas a última escada, ficaram dentro de uma torre em combustão, com pés acima de um tecto em chamas.

Todavia, viram serenamente despenhar aquela torre no brazeiro e nele se despenharem para sempre.

Ora, nestes raros exemplos de heroicidade e abnegação é que eu vos vejo a cada instante.

E o ilustre e bravo Comandante Alvaro Valente dá-nos conta, na formosa conferência que, sob o título «Porque me orgulho de ser bombeiro», proferiu na laboriosa vila do Barreiro, de uma lista impressionante de Bombeiros Portugueses que encontraram a morte no cumprimento do dever.

Homens de rija tempera moral, a fé que vos anima tem o mais alto poder aliciante nas almas que sonham com a perfeição.

E foi por isso que eu vim até aqui, até junto de vós, na ânsia de matar a minha sede na fonte amorosa das vossas grandes virtudes.

Vim para sentir pulsar no bronze do Monumento que hoje se inaugura o alto sentimento cívico da formosa cidade de Barcelos a quem se deve tão gloriosa iniciativa.

Vim para me encantar com a vibrante homenagem que amorosamente vos tributa a Nação inteira».

Seguidamente falou o Snr. Coronel Serafim de Moraes que teceu elogios àqueles que levaram a cabo este Monumento bem digno da rainha do Cávado.

Por último e encerrando a sessão falou o Sr. Governador Civil.

(Continua na página 5)



MONUMENTO AO BOMBEIRO VOLUNTÁRIO

# Monumento ao Bombeiro Voluntário **C A R T A**

(Continuação da página anterior)

## Condecorações

Foram condecorados todos os estandartes das corporações presentes.

Igualmente, também, foram condecorados os seguintes senhores: Dr. Francisco Torres, Dr. Emídio Leite e Padre Lima Torres, respectivamente com as medalhas de 25, 15 e 5 anos.

Também foram postas insígnias aos bombeiros: 1.º Comandante, n.ºs 31, 12, 22, 18, 36, 7, 17, 19, 25, 33 e 39.

## Almoço

No salão Nobre dos Paços do Concelho foi servido um almoço aos convidados de honra.

Aos brindes falaram os Senhores Presidente da Câmara, Manuel Augusto Vieira, engenheiro Petter Milward, Comandante dos Voluntários de Espoende e Dr. Lima Torres. Encerrou os brindes o Sr. Governador Civil de Braga.

Todos foram muito aplaudidos.

## Desfile

Após o almoço efectuou-se um imponente desfile, único que temos visto no género, pela grandeza do aparato e pela quantidade de viaturas.

## Homenagem a Manuel Vieira e ao falecido Comandante Esteves

Findo o desfile, foi prestada justa homenagem, ao falecido Comandante Esteves e a Manuel Vieira.

Quando do descerramento do medalhão, de Manuel Vieira falou o Sr. Dr. Mário Norton, pondo em destaque as virtudes e as qualidades que vivem na alma do homem bom e grande benemérito que é Manuel Vieira.

Do Sr. Tenente Alberto Norte da Silva, chefe da Rep. de Instrução da Defesa Civil do Território recolhemos estas palavras que ele escreveu para o nosso "Boletim".

"Não quis o Comando da Defesa Civil do Território alhear-se da justa homenagem prestada aos Bombeiros Voluntários, homens invulgarmente dedicados ao semelhante e que, sem nada pedirem, tudo dão, inclusivé a própria vida, quando é necessário.

A Defesa Civil do Território, que baseia muitos dos seus serviços nas dedicadas corporações de Voluntários fez-se representar, nessa homenagem, por três oficiais e duas das modernas viaturas de socorro com as quais, em breve, Voluntários das Corporações e da Defesa Civil do Território, trabalharão, lado a lado, irmanados no humanitário e patriótico propósito de minorar o sofrimento das populações civis em caso de guerra ou de grave calamidade".

## Imagens de Portugal

A filmar o decorrer das cerimónias veio a Barcelos o opera-

dor cinematográfico Fernando Macedo das Neves.

Oxalá que em breve possamos recordar no écran do nosso cinema a beleza de tão grandiosa festa.

## Escultor Henrique Moreira

O Monumento ao Bombeiro Voluntário é da autoria do escultor Henrique Moreira.

## Fundição Primorosa

O Monumento foi fundido na "Fundição Primorosa", de Vila de Gaia.

## Cumprimentos

Apresentaram-nos cumprimentos os Bombeiros Voluntários Pinhelenses, representados pelos Srs. Dr. Armando Baptista, José Sales, Luís das Neves e Comandante José Ferreira.

## Tenente Alberto Norte da Silva

Deste distinto oficial, chefe da Rep. de Instrução da Defesa Civil do Território, recebemos alguns prospectos ilustrativos sobre a Defesa Civil do Território.

Bem haja, pois.

A literatura, quando verdadeira, genérica, não é senão uma das múltiplas manufacturas da liberdade.

Latino Coelho

**MINHA FILHA:** — Foi com verdadeira mágoa que li a tua carta. O choque que recebi foi tão profundo, que parece até não ser possível refazer-me tão depressa desta desagradável surpresa. Realmente eu sentia que há muito te ias distanciando de mim e sobretudo dos meus conselhos, mas acredita que nunca supus ser recompensada dos meus sacrifícios com tanta ingratitude.

Tu hoje quase te julgas uma senhora, porque o teu ordenado chega para te vestires com certo luxo e egoistamente esqueceste a tua pobre mãe. Parece até, sentires, pela sua humildade, certo desprezo.

Eu não te repreendo, apenas te lastimo, minha filha.

Vai longe o tempo em que as minhas palavras encontravam eco no teu coração. Hoje a tua mãe, é para ti, apenas a imagem dum pesadelo, que acabou... a lembrança duma vida cheia de atribulações e angústias.

Conquistaste a tua independência e com ela, vê bem, perdeste a noção de muitos dos teus deveres, e Deus queira que mais não vás esquecendo.

Hoje não te falta com que satisfazer os teus caprichos de vaidade, e todas as tuas desmedidas ambições, mas, vê, desconfio que sejas feliz...

Sim minha filha, porque eu sei que a tua alma era carinhosa, eu sei que tu compreen-

dias a obrigação de amar e respeitar a tua mãe.

Aprendeste-o no catecismo e, em casa, os bons exemplos não te faltaram.

É certo que eu, hoje, já te não faço falta. Estás em condições de enfrentar a vida sôzinha, mas é difícil conformar-me que uma filha possa assim desprezar aquela a quem tudo deve.

Acusas-me de te contrariar, acusas-me de te exigir algum do teu salário, acusas-me de te prender em casa, cortando-te a liberdade de gozares, como outras, a tua juventude.

Contrariando-te eu julgo que completava a tua educação, ainda tão imperfeita; exigindo algum do teu salário, fazia justiça pois eu enquanto nada tinhas, sempre te dei tudo quanto pude; e, prendendo-te em casa, não o fazia por incompreensão dos anseios da tua idade, mas antes como precaução, para não perderes, levemente, muitas daquelas virtudes, que tornam a mulher admirada.

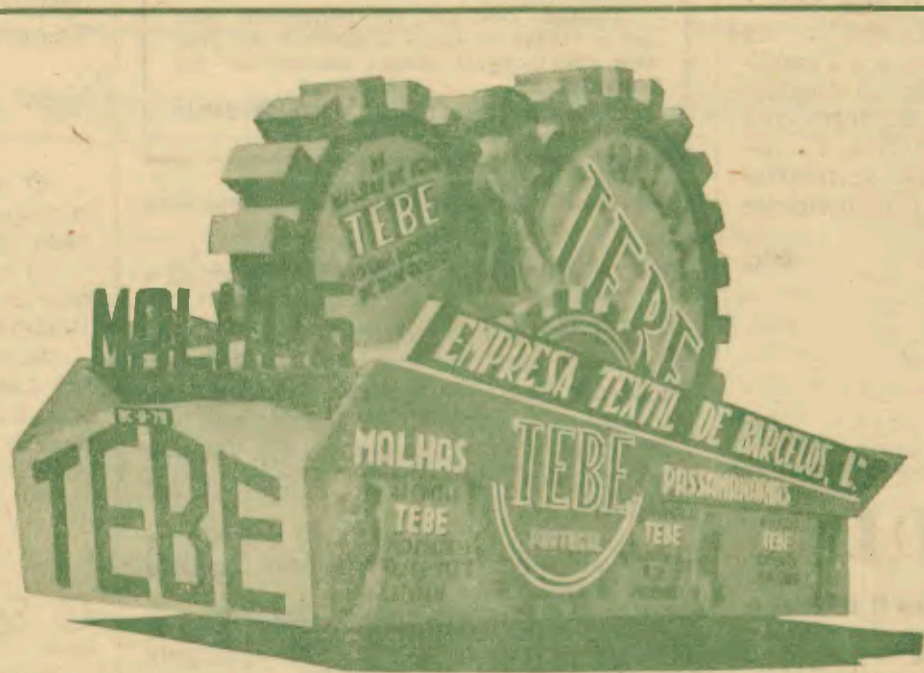
Além disso eu queria-te mais tempo em casa também, por um sentimento natural de egoísmo, que um dia hás-de compreender. Eu estou gasta e cansada; já me não interessam festas nem divertimentos, mas tenho necessidade de carinho, tenho necessidade de amor. Deves compreender, que depois da morte de teu Pai, fiquei sôzinha, ante a amizade volúvel dos filhos.

Eles deviam ser o meu refúgio, para eles só derivou toda a minha ternura e deles me tornei egoísta. Supus, infantilmente, que no amor deles encontraria bálsamo para o meu desgosto. Mas, pobre de mim, grande foi o meu engano... Como já estavas empregada, encaraste o futuro com optimismo. Depressa começaste a abusar da minha fraqueza e tratar-me como tua igual. Depois foi em ti arrefecendo a amizade por mim, porque julgaste encontrar um amor mais sincero e mais forte que o meu.

Hoje, olhas desdenhosamente, o nosso viver simples, como se a ele não estivesses habituada desde sempre e atreves-te a fazer exigências.

Desceste ao ponto de me falar malcriadamente e, valha-me Deus, até de me insultares.

(Continua na página 3)



**Carro da TEBE**

O carro que o grande público classificou em primeiro lugar

As malhas TEBE não têm rival e entram, com agrado, nos mais diversos sectores da vida hodierna...

Sempre preferidas, sempre apreciadas... sempre na vanguarda...

## Malhas TEBE

A roda dentada, símbolo do trabalho, é o apanágio do valor, da beleza e da esmerada confecção destas belíssimas malhas.



Dirigida por JOSÉ PIRES BIGOTE

## O Oquei do mês

INAUGUROU-SE finalmente a temporada de Oquei deste ano com a realização da Taça de Honra da Associação de Patinagem do Minho.

Temos, para já, a lamentar a ausência de alguns Clubes que não se inscreveram e que viriam a valorizar imenso a prova. A falta do Sporting de Braga que pelo menos este ano abandonou a modalidade, e do Desportivo da Póvoa que mudou para a A. P. do Norte, veio a abrir uma lacuna que dificilmente será preenchida, apesar da A. P. M. contar com adesões de clubes novos.

Para que haja progresso da modalidade é necessário que os Clubes mais fracos tenham contactos com grupos mais fortes e de mais saber, pois é este o melhor método de aprendizagem.

Este ano porém teremos de nos contentar assim, restando-nos a esperança que no próximo ano todas as dificuldades estejam sanadas e voltemos a encontrar no campo da luta os melhores clubes da nossa zona.

No passado dia 21, e a contar para a Taça de Honra, o Clube Desportivo da Tebe realizou um desafio contra o Famalicense Atlético Clube. Apesar do domínio constante da Tebe, acabou o encontro com o resultado de 5-3 a favor do F. A. C., devendo-se isto em parte à crise de rematadores que o nosso Clube presentemente atravessa.

Big



## FUTEBOL

### Campeonato Nacional da II Divisão

O Gil Vicente, que desde o início do Campeonato vinha criando um certo nervosismo quanto aos resultados obtidos, e que tão desforçavelmente influam na classificação, não mostrou nas três últimas jornadas da Volta final resultados tranquilizadores.

— Jogando em casa com o Vila Real não foi além dum empate a 2 bolas. Os transmontanos empregaram vivacidade na luta enquanto que os Gilistas se limitaram a segurar o resultado.

— Em Espinho já não foi tão feliz. Se bem que tivesse sido uma partida bem dis-

## SONHOS E REALIDADES

**C**ERTOS anseios afiguram-se-nos por vezes de tão difícil realização, que, mentalmente, os passamos à categoria de sonhos transportáveis à vida real num futuro próximo ou longínquo.

A proximidade ou afastamento dessa passagem de sonho a realidade, depende única e exclusivamente de nós próprios e da luta que travarmos para vencer os obstáculos que tantas vezes nos parecem intransponíveis, mas que à custa de esforço e sacrifícios são por fim vencidos. É esta, afinal, a grande recompensa de todos aqueles que lutam por um ideal e o vêem atingido, mercê do seu trabalho.

Passemos, porém, estas divagações para um caso concreto, que é, nem mais nem menos, a construção do rinque do nosso Clube.

Nasceu o sonho e todos o rodearam das maiores esperanças e porque não dizer até de grandes facilidades, apresentando sugestões, fazendo contas, tudo levando a crer que, num futuro próximo, seria uma consoladora realidade.

Porém o tempo passa e o sonho vai-se apagando na mente de alguns, porque o rinque foi posto num plano secundário. Porquê? Surgiram dificuldades?

Não é de admirar, pois a empresa é difícil, mas nas empresas difíceis é que é preciso mais espírito de luta e mais vontade.

A semente foi lançada, cumpre agora cuidar dela para que se desenvolva e frutifique.

Lutemos pois sem desfalecimentos para que o rinque do Clube Desportivo da Tebe seja uma imagem sempre presente da sua vitalidade.

Pires Bigote

### Taça «Dr. João Espregueira Mendes»

Tem início no próximo dia 4 um torneio de futebol em que será disputada a Taça «Dr. João Espregueira Mendes», organização do Sport Clube Vianense, a que concorrem os seguintes clubes: Gil Vicente, Sanjoanense, Oliveirense e o clube organizador.

O Gil Vicente defrontará o Oliveirense na primeira jornada e o Vianense recebe a visita do Sanjoanense.

Dada a categoria dos grupos concorrentes é de esperar grande animação pela conquista do respectivo troféu.

putada, foi derrotado por 6-3, havendo apenas a lamentar a actuação da defesa.

— Com assistência numerosa o Leixões veio buscar a Barcelos um precioso empate sem golos, que afinal conveio aos dois grupos, mas que se poderia ter modificado. O jogo não convenceu a assistência, pois foi jogado numa toada lenta e nervosa, portanto improdutivo.

Pê Ele

## DENTRO E FORA DO RINQUE

Foi eleita a Direcção do Oquei Clube de Barcelos

No passado dia 6 de Março reuniu a Assembleia Geral do Oquei Clube de Barcelos, para aprovação de contas, e eleição dos corpos gerentes do biénio 1954-55.

A lista aprovada por maioria, tem a seguinte constituição:

### ASSEMBLEIA GERAL

Presidente — Cândido da Cunha  
Vice-Presidente — António da Silva Pimenta  
1.º Secretário — Raul Beleza Ferraz  
2.º Secretário — Jorge Oliveira da Cunha

### CONSELHO FISCAL

Presidente — António Martins de Sousa  
Relactor — Armando Correia Ramião  
Vogal — Eduardo Landolt

### DIRECÇÃO

Presidente — Manuel João Lourenço de Carvalho  
Vice-Presidente — António Costa  
Secretário — José Faria da Costa  
Tesoureiro — Cândido Augusto de Sousa Cunha  
Vogal — Joaquim Lucas da Costa Carvalho

O nosso desejo é que a direcção eleita consiga guindar o O. C. B. a plano destacado no meio oquistá minhoto.

O relatório de contas aprovado, mostra que o Clube movimentou no biénio de 1952-53 a importância de 70 contos.

Se o clube recebeu apenas 9 contos de subsídios, os restantes foram o fruto do trabalho da Direcção cessante que na verdade é digna de louvor.



### O Sporting de Braga desertou

Sabemos de fonte autorizada que o Sporting de Braga não disputará este ano as provas da A. P. M.

Conhecemos as razões e francamente não concordamos, que um Clube com as tradições do Sporting e com responsabilidades no Oquei em Patins desertasse, apenas porque lhe faltaram 2 ou 3 jogadores da sua antiga equipa.

O Sporting tem de voltar ao princípio e criar uma escola de jogadores, onde irá buscar mais tarde reforços valiosos.

Golpe Livre

# PAINEL PUBLICITÁRIO

ESTES ANÚNCIOS NÃO PODEM SER REPETIDOS NOUTRA QUALQUER PUBLICAÇÃO

## Sapataria Cunha

A Sapataria distinta que serve um público distinto a preços sem concorrência.

Calçar da **SAPATARIA CUNHA** é saber calçar... porque calçará bem.

Em **BARCELOS** — no Largo da Calçada

## A Casa do Café,

tem um sortido finíssimo e esmerado de especiarias e outros artigos congêneres.

O café da **CASA DO CAFÉ** tem um paladar que fica.

É aromático e bom. Abençoado café.

RUA D. ANTÓNIO BARROSO

### A cinta TEBE



é a elegância personificada

## Ourivesaria da Póvoa

Do bom gosto ninguém zomba... Oiro em casa é um tesoiro... No «Alfredo Pinto Lomba» Troca o dinheiro por oiro.

As malhas TEBE são padrões de beleza.

Impõem-se pela riqueza dos seus produtos manufacturados e pela perfeição do seu corte.

O acabamento não tem rival. Preferi-las é saber escolher.

**SAMETIL** — Um medicamento ao serviço da pele. Para eczemas.

## Vilas Boas & Irmão, L.<sup>da</sup>

Uma casa moderna ao serviço da elegância e da moda

**Sempre padrões originais**

PREÇOS CONVINDATIVOS — VENDE BARATO PARA VENDER MUITO

Tem alfaiate privativo de corte impecável

Em **BARCELOS** (Em frente ao Banco N. Ultramarino)

## CASA CUNHA

DE

## Félix Luís da Cunha

Uma sapataria de gosto distinto ao serviço do bom gosto e comodidade.

Calçar da **Casa Cunha** é calçar bem

## Móveis Teles

**BARCELOS**

Uma casa de bons móveis, lindíssimos estilos, preços sem competência.

**Manuel da Costa Ferreira Teles**

**Avenida Dr. Oliveira Salazar**

**A**QUI no batalhão há um corneteiro que dá pelo nome de Esgalhado.

O Esgalhado é um rapaz trigueiro, mais alto que baixo, fino e sucado de carnes, bem lançado, tirado das canelas.

Tem no rosto perfeito, que a patine do sol e do vento recrescou, dois olhos vivos, muito vivos, destes que olham a direito, com insistência, quase impertinentes. E sobre o lábio um buço leve de guias arrebitadas. Pula-lhe a agilidade no corpo musculoso. Nado e criado lá pela Beira marítima, entre a Estrela e o Mar, conjuga em si as duas graças portuguesas—a seranil e a marinheira. Parado, poisa as plantas no chão e arqueia o busto, como quem vai a bordo sobre as ondas; e a andar, direito à meta, modela o corpo no geito alado do zagal, que, no viso dos montes, o pé fincado e o braço em funda, joga a lapada à testa do rebanho.

Com que olhos hão de olhá-lo as moças da sua terra!...

Adivinha-se ali um jogador de pau. Um destes faias de aldeia, lesto e atrevidos, que armam o rebolejo numa feira.

## Os melhores contos dos melhores contistas

### O ESGALHADO

E como é seco, esbelto, airoso, não lhe vai mal, por minha fé, aquele nome de Esgalhado. Enfim um destes puros sangues lusitanos, já tão raros, estatuado pela força da terra e pelo sonho ardente das mulheres, e cuja *maquette* devia figurar num museu étnico, a atestar ao forasteiro as virilidades terças da raça.

No batalhão, entre os seus camaradas, é invejado e temido. Invejado porque nessas aldeias de França, *estaminet* ou *ferme*, onde entre e haja Mademoiselle, bem podem os outros arrastar a asa; a quem ela desde logo rende as derretidas graças é ao Esgalhado.

Contam-se até aventuras com *mademoisels*... Mas que aventuras!... Cala-te, boca.

E temem-no porque «não corta, nem está lá com razões».

Diz-se mesmo que, em certos pleitos internacionais, sobre pri-

mazias de raça, tem provocado alguns incidentes lamentáveis capazes de afectar as nossas boas relações com a «Velha Aliada».

JAIMÉ CORTESÃO (1)  
(Século XX)

Em resumo, o Esgalhado é *chauvinista*. *Chauvinista* e

repontão. Por causa dessas e doutras a ordem menciona frequentemente repreensões e penas correcionais a seu favor. Ainda há três dias foi castigado. Todavia aquilo é homem para as ocasiões. Por exemplo: o batalhão tem que marchar algumas léguas. Mas os soldados vão extenuados, derreados, sem linha. É necessário animar os rapazes para cortarem com garbo estas estradas da grande França, cheias de soldados de todo o mundo.

Nessa altura o nosso corneteiro ergue a cabeça, respira fundo, empunha a tuba e tem fôlego para fazê-la vibrar e restrugir, horas seguidas, num clangor heróico. E, soprando e tangendo,

ganha-lhe o vulto tão soberbo andante, que se diria ser ele quem comanda a tropa toda.

Da última vez que o batalhão veio para as *trinchas*, a pé, numa distância de oito léguas, aconteceu que os soldados tiveram de palmilhar as longas estradas, açotados por uma tempestade de neve. O vento era de fio e ponta, como naifa. Cortava para além da pele enregelada. E as lufadas dos flocos alvos envolviam o rosto, cegavam os olhos. Para o fim, os soldados, sob a pesada tralha das mochilas e espingardas iam exaustos, abatidos, os pés em ferida e os ombros, cortados pelas correias, em carne viva.

Mas estes diabos dos ingleses surgem de cada canto, aparecem às portas e espiam do alto do seu cachimbo se o portuguezinho se aguenta bem. Ao Esgalhado fervia-lhe o sangue. Para ele não há como um português. E dizia para um camarada:

— Estes tipos, se calhar, estão a fazer pouco da gente.

(Continua no próximo número)

(1) Do livro — «Memórias da Grande Guerra».



## O TRABALHO

fonte criadora de prosperidades colectivas

Por MANUEL BRUNO

Ainda há bem poucos anos o «laissez faire, laissez passer» andava no espírito de muito boa gente... Mas tudo muda, as ideias e as coisas, e este princípio parece ter caído em desuso.

«Já Malthus, na sua lei do aumento da população comparado com o acréscimo das subsistências, tinha previsto que, enquanto a população crescia em proporção geométrica, isto é, na razão de 1, 2, 4, 8, 16, 32, etc., as subsistências não aumentavam senão em progressão aritmética, isto é, na razão de 1, 2, 3, 4, 5, 6, etc..

De modo que havia de chegar uma época, não muito distante, em que as subsistências não chegariam para alimentação do homem.

Tudo levava a concluir, portanto, que era urgente diminuir a natalidade, recendo que a fome nos matasse.

Praticamente, porém, veio a concluir-se que a potência produtiva do trabalho acelerava extraordinariamente com o número de trabalhadores, de tal maneira e a tal ponto que hoje se considera mais próspero o País de maior natalidade!

«A lei do bronze sobre os salários teve igual desmentido. A teoria desta lei era que, como o salário estava sujeito só à lei da oferta e procura, num País muito populoso os dirigentes das indústrias, solicitados de todos os lados pelos operários aguilhoados pela necessidade de viver, abaxariam os salários tanto quanto possível para não terem necessidade de aumentar excessivamente o preço do produto: e, por isso o salário poderia descer ao restrito mínimo com que pudesse viver um homem. Se, porém, a população fosse rara, e que, portanto, a oferta do operário fosse inferior às necessidades das indústrias, os salários elevar-se-iam e o operário surtiria o aumento do bem estar material, mas por pouco tempo, porque a progressão geométrica do aumento de população em breve elevaria o número de

(Continua na página 2)

## POESIA

ODE À POESIA LÍRICA

Lutas de povos, guerras de nações,  
Dramas de impérios, torvas ameaças  
À nossa paz quotidiana de homens,  
Ao nosso puro egoísmo sufocado...  
Cessem de vez! Reine o silêncio e a calma.

Reine o silêncio e eu possa, e tu, irmão,  
Possas ouvir teu coração,  
Sentir a dor individual e casta,  
Maior que tudo, mais profunda e vasta  
Que o mar... que a luz... e do que o céu mais alta.

Reine o silêncio e nele a nossa angústia, a sós,  
Arda e se espalhe pela terra inteira,  
Clara e serena como a chama.  
E escute o mundo unicamente o drama

De cada um de nós.

CABRAL DO NASCIMENTO

(Do volume de poemas, recentemente publicado, Digressão).

MEMÓRIA

Hoje estão mortos os velhos que me contavam  
essas histórias de barcas-de-baleia e terras grandes.  
Também a minha infância está morta.  
Muita coisa está realmente morta em mim.  
Mas as histórias dos velhos marinheiros e emigrantes,  
Júlios Vernes e Conrads e Londons da minha infância,  
trago-as, sempre vivas, na memória, seguem comigo  
pelos caminhos novos que descobri.

Vós me trouxestes à Poesia, velhos amigos mortos.  
Foi com vocês, ti Cristove, ti Jzé do Pico,  
ti Pureza, meu pai,  
que a curiosidade deslumbrada do mundo feita poesia em mim nasceu.  
Tinhas noventa anos, ti Jzé do Pico, e eras como um menino  
sentado ao canto da cozinha contando os casos da tua vida:  
onze vezes embarcado,  
oito vezes naufragado,  
vagabundo de Honolulu, de Sidney, de Punta Arenas,  
amante da rainha da Samoa...  
(A tua mão desenha no espaço,  
acompanhando a fala descansada,  
a maravilhosa aventura que viveste).

Histórias que a minha lembrança arrasta no correr dos anos...

Lembro-vos velhos amigos e mestres,  
e até esses já mortos quando a vida se abriu para mim:  
ti Serpas, hoteleiro na Austrália,  
o velho Mónica que foi contrabandista em Marselha,  
o Alabama que foi corsário,  
meu primo Mata-Ratos, emigrante falhado que fazia  
versos de dia de S. Marcos,  
o Frade vagabundo que morreu no mar...

Fosse outra a minha voz,  
e vocês levantavam-se da cova,  
vivos e exactos nos meus versos.

PEDRO DA SILVEIRA

(Do seu primeiro livro de poemas — A Ilha e o Mundo).

## APONTAMENTOS para a História da Poesia

Por A. B.

Camões, como lírico é dum transferência ideal que se reflete, como brilhantes, nos seus formosíssimos sonetos, que se desdobram em panoramas profundos de razões emotivas pondo à clarividência a ressonância do seu «eu».

Traduziu o amor nesta quadra sublime que nos abraça e refrigera...

Amor é um fogo que arde sem se ver;  
É ferida que dói e não se sente;  
É um contentamento descontente;  
É dor que desatina sem doer.

Eis o amor!... A voz da sua existência. Sempre a mulher... a eterna inspiradora. E quantas e quais mulheres inspiraram o génio de Camões?

Talvez que a sua musa tivesse sido D. Catarina de Ataíde, no anagrama de Natércia...

Porém, aceitando opiniões diversas de diversos cantonianos tudo leva a crer que o Poeta ergueu os olhos e a alma a alturas inacessíveis... A Infanta D. Maria, filha de D. Manuel, não estava predestinada a ser esposa dum poeta, embora este declaradamente vivesse em silêncio o seu amor, manifestado nos versos seguintes:

Oh! porque fez a natureza humana  
Entre os nascidos tanta diferença?

(Continua no próximo número)

## A Pintura no Período Paleolítico

DUZENTOS e cinquenta séculos antes da nossa era, sem receio de mentir, já a mão do artista riscava nas paredes das cavernas os motivos e os assuntos do mundo que o rodeava.

Como toda a gente sabe, os povos pré-históricos viviam da caça e os seus rebanhos eram somente as suas grandes preocupações.

O pintor, nessa época, riscava a rena na profundidade das cavernas servindo-se certamente dos mais imperfeitos utensílios do desenho e pintura.

(Continua na página 9)